

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANA CLARA CARNEIRO LEÃO CANNIZZARO VEIGA

RELIGIÃO E POLÍTICA NA NIGÉRIA: O BOKO HARAM E OS CONFLITOS
ENTRE ISLAMISMO E CRISTIANISMO

RECIFE

2014

ANA CLARA CARNEIRO LEÃO CANNIZZARO VEIGA

**RELIGIÃO E POLÍTICA NA NIGÉRIA: O BOKO HARAM E OS CONFLITOS
ENTRE ISLAMISMO E CRISTIANISMO**

Trabalho de monografia de conclusão da disciplina de Projeto Experimental II da graduação de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã da aluna Ana Clara Carneiro Leão Cannizzaro Veiga sob a orientação do Professor Pedro Soares.

RECIFE

2014

VEIGA, A. C. C. L. C.

Religião e política na Nigéria: o Boko Haram e os conflitos entre islamismo e cristianismo. Ana Clara Carneiro Leão Cannizzaro Veiga. Recife: o Autor, 2014.

43 folhas.

Orientador (a): Profº Pedro Soares

Monografia (graduação) – Relações Internacionais - Faculdade Damas da Instrução Cristã.

Trabalho de conclusão de curso, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Relações Internacionais 2. Religião 3. Nigéria 4. Boko Haram 5. África.

327 CDU (2ªed.)

327 CDD (22ª ed.)

Faculdade Damas

TCC 2014 – 263

ANA CLARA CARNEIRO LEÃO CANNIZZARO VEIGA

**RELIGIÃO E POLÍTICA NA NIGÉRIA: O BOKO HARAM E OS CONFLITOS
ENTRE ISLAMISMO E CRISTIANISMO**

Trabalho de monografia de conclusão da disciplina de Projeto Experimental II da graduação de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã da aluna Ana Clara Carneiro Leão Cannizzaro Veiga sob a orientação do Professor Pedro Soares.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Pedro Soares

Examinador: Prof. Fábio Alves, Examinador Externo

Examinador: Prof. Luciana Lira

RECIFE

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ter me dado o dom da inteligência e da sabedoria, a fim que eu pudesse me transformar em uma cristã melhor através dos meus estudos. Agradeço-lhe por ter plantado em meu coração as sementes do amor e da generosidade, a fim de que os assuntos dessa pesquisa pudessem servir-me não só a título de aprofundar novos conhecimentos, mas como um exercício de enxergar o próximo e com ele ser mais tolerante.

Também dedico este trabalho a todas as famílias de duzentas jovens nigerianas que foram sequestradas pelo grupo Boko Haram no período de conclusão desta pesquisa. Estas jovens foram retiradas de uma escola somente por serem cristãs e estudarem em uma escola de ensino ocidental, com o objetivo de convertê-las ao Islamismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que me apoiam ininterruptamente em todos os objetivos que decido perseguir. A eles, o meu mais sincero agradecimento, pelo exemplo de doação profunda à família, por sempre me encorajarem a ir além, por todo o esforço para que eu fosse apresentada com as melhores opções de estudo no Brasil, na Espanha e no Canadá, por terem me transmitido os valores importantes da vida e por toda a cobrança pela minha formatura.

Ao meu marido e ao meu irmão, que sempre com tanta amizade e compreensão, me apoiaram em todos os desafios profissionais que me fizeram atrasar esta formatura e estiveram sempre presente nas buscas por mais referências bibliográficas para este trabalho.

Aos antigos professores Susan Lewis, Aerton Carvalho e Margarida Neves, que fizeram possível esse trabalho com seu carinho, atenção e referências bibliográficas.

Ao professor Pedro Soares, meu orientador, que foi uma peça fundamental e definitiva para que eu pudesse concluir esta monografia, com suas reflexões, seu preparo profissional, seu conhecimento e, principalmente, sua atenção sobre os prazos.

Às irmãs do Colégio Damas, que me ensinaram os valores da vida cristã.

EPIGRAFE

“A nossa sociedade não é a antiga sociedade, mas uma nova sociedade expandida pelas influências eurocristãs e islâmicas. Uma nova ideologia é portanto necessária, uma ideologia que possa afirmar-se em uma definição filosófica mas, que seja, a um só tempo, uma ideologia que não abandonaria os princípios humanos e originais da África, uma ideologia cujo objetivo seria agregar à experiência da sociedade africana tradicional”

(NKRUMAH, 1964)

RESUMO

Neste mundo de profundas mudanças, a religiosidade vem ganhando cada vez mais espaço, mais relevância para as relações internacionais. Gradativamente, se observa que a religião vem sendo usada como ferramenta política e ideológica para controle de sociedades. Utilizando-se de sua capacidade de influência dentro uma cultura, por ser a religião um importante aspecto de identidade nacional, o fenômeno religioso acaba se tornando uma prerrogativa perigosa para guerras. Nesse sentido, a Nigéria é um exemplo. Os conflitos entre muçulmanos e cristãos no país têm raízes em quesitos religiosos, e, todavia, se cruzam nos interesses políticos e econômicos na região. No contexto nigeriano, o surgimento do grupo terrorista Boko Haram e os consequentes embates entre religiões e etnias, constituem uma séria ameaça à unidade do país e, de uma maneira mais geral, à estabilidade da região africana. Buscamos entender através da revisão de bibliografias e artigos já publicados as razões para tais conflitos e apresentarmos a importância desta pesquisa para as relações internacionais.

PALAVRAS-CHAVES: Religião; Nigéria; Boko Haram; África.

ABSTRACT

In a world of profound changes, religiosity is gaining more space, more relevance to international relations. Gradually, we see that religion is being used as a political and ideological tool to societies' control. By using its influence among a culture, religion is an important aspect of national identity, however, the religious phenomenon turns out to be a dangerous prerogative to wars. Nigeria is a major power in the African region, being the most populous country in Africa, rich in natural resources. Religious conflict between Muslims and Christians in Nigeria have roots in religious matters, but intersect in the political and economic interests in the region. The emergence of the terrorist group Boko Haram and the resulting clashes between religions and ethnicities, constitute a serious threat to the country unit and, more generally, the stability of the African region. We seek to understand, by reviewing bibliographies and articles already published, the reasons for such conflicts and introduce the importance of this research for international relations.

KEYWORDS: Religion; Nigeria; Boko Haram; Africa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO	15
<i>RELIGIÃO, PÓS-MODERNIDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS</i>	
1.1. CONCEITOS E PENSAMENTOS SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO	15
1.2. CONFLITOS RELIGIOSOS, HISTÓRIA E PÓS-MODERNIDADE	19
2 CAPÍTULO	22
<i>O SURGIMENTO DOS CONFLITOS RELIGIOSOS NA NIGÉRIA</i>	
2.1. VISÃO GERAL DO PAÍS	22
2.2. HISTÓRIA DO COLONIALISMO NA REGIÃO	23
2.3. O SURGIMENTO DO GRUPO FUNDAMENTALISTA BOKO HARAM	26
3 CAPÍTULO	31
<i>AS CAUSAS DOS CONFLITOS RELIGIOSOS NA NIGÉRIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS</i>	
3.1. INSTALAÇÃO DA LEI SHARIA	31
1.2. AS RAÍZES DOS CONFLITOS	32
4 CONCLUSÃO	38
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

A religião, de acordo com Ali Mazrui (2010), “impregna toda a trama da vida individual e comunitária da África. O africano é um ser profunda e incuravelmente crente, religioso”. Para ele, a religião não é simplesmente um conjunto de crenças, mas um modo de vida, o fundamento da cultura, da identidade e dos valores morais. A religião constitui um elemento essencial da tradição a contribuir na promoção da estabilidade social e da inovação criadora. Kwane Nkrumah (1964), viu a religião “simultaneamente como um recurso a ser explorado e um problema a ser contido”.

O problema da religião na transformação social da África decorre, ainda de acordo com Ali Mazrui (2010), do vigor do sentimento religioso e da pluralidade de religiões. A religião tradicional africana consistiu, especialmente, em um meio de explorar as forças da natureza e de sistematizar os novos conhecimentos sobre o ambiente humano e físico. A religião tradicional africana era aberta e tolerava a inovação religiosa como a manifestação de um novo saber. Paulatinamente, o cristianismo e o islã desenvolveram-se na África, inicialmente, em uma relação com a religião tradicional.

Assim sendo, a pluralidade religiosa tornou-se uma característica essencial da sociedade africana, conhecedora de forma tão específica daquilo que Nkrumah (1964) denominava da “experiência africana da presença islâmica e eurocristãs”.

No passado, o grau de africanização do cristianismo e do islã dependia da autonomia, social e política das populações. Com a perda de autonomia devido ao colonialismo, a religião tradicional africana foi relacionada a uma África do fracasso e subjugada. A educação ocidental, devido também ao colonialismo e em grande parte patrocinada pelas missões cristãs, tornou-se simultaneamente para os africanos, um meio de satisfazer a sua aspiração pela aquisição de novos conhecimentos e da tecnologia europeia, bem como o instrumento que os separou da sua cultura tradicional.

Assim sendo, o problema consistiu, para Nkrumah (1964), em “concretizar a transformação social e criar uma nova sociedade, considerando a força das crenças religiosas, mas, igualmente, a existência de um enfraquecimento das diferentes visões religiosas da sociedade”. Este conflito de valores e ideologias provocaram, na vida privada dos indivíduos e das comunidades, um traumatismo.

Durante toda a extensão do curso de graduação em Relações Internacionais, os temas relacionados à religião sempre foram os que mais nos despertaram interesse. Por isso, ao buscar um tema para o nosso trabalho, procuramos uma oportunidade de conhecimento, um tema que nos proporcionasse um aprendizado sobre uma região, país ou crença que não conhecíamos e que não tivemos contato durante o período nesta Faculdade.

O caso da Nigéria, maior país em população da África, é um exemplo interessante para estudarmos neste trabalho. A Nigéria é composta de diversas etnias, onde são faladas, estimadamente, 512 línguas. A população está dividida, majoritariamente, entre muçulmanos e cristãos em uma convivência pouco pacífica e que já é considerada como uma guerra civil religiosa.

Em muitos países africanos, como na Nigéria, a proporção da repartição numérica entre cristianismo e islã constitui um desafio político relevante. Esses países declaram oficialmente em sua constituição que o Estado é, no tocante à religião, neutro ou laico. No entanto, na prática, todos os dirigentes africanos fazem parte de uma elite formada em escolas ou instituições religiosas, invariavelmente, cristãs ou islâmicas.

O fato religioso, manifesto sob diferentes formas, tem uma inegável influência no desenvolvimento histórico da África, no qual ele desempenha um papel importante. As religiões cristã e muçulmana marcaram, profundamente e desde algum tempo, a história do continente africano, em especial durante os últimos 50 anos.

De acordo com dados do Banco Mundial, disponibilizados pela ONU, a Nigéria é o país mais populoso da África, com cerca de 168,8 milhões de habitantes. A sua população muçulmana, cerca de 80 milhões, é a sexta maior a nível mundial e representa quase metade dos nigerianos. Sendo, além disso, um dos maiores produtores de petróleo do mundo.

O norte da Nigéria é desde 2009 o cenário de um surto de jovens militantes islâmicos e grupos extremistas radicais. Por conta da natureza heterogênea da sociedade nigeriana, a sensibilidade religiosa da região e o prolongado período militar, o país já estaria predisposto, de acordo com Abimbola Adesoji (2010) “a ser uma região conflituosa”. No entanto, o que é mais alarmante são as tentativas violentas de fundamentalistas islâmicos em impor uma ideologia religiosa em uma sociedade reconhecidamente e constitucionalmente secular.

O principal grupo na origem deste surto de violência é o Boko Haram, uma seita islâmica extremista. O Norte da Nigéria vive hoje num ambiente de medo que contamina todos os aspectos do dia a dia. O Boko Haram se tornou um sinônimo de violência e

destruição. Cidadãos nigerianos têm estado ligados a conspirações terroristas internacionais e jihadistas de regiões exteriores a África, que têm procurado recrutar membros na Nigéria.

No final de 2011, de acordo com o Relatório “Vision of Humanity”, a classificação da Nigéria entre os 159 países do Índice de Terrorismo Global do Instituto de Economia e Paz ascendeu do 16º lugar que ocupava em 2008 para o 6º lugar. Só no ano de 2011 foram registrados, oficialmente, 168 ataques terroristas. Muitos nigerianos começam a admitir a possibilidade de o país estar à beira de uma guerra civil religiosa.

O surgimento do Boko Haram não aparece sem um antecedente histórico. De acordo com Abimbola Adesoji (2010), eles não são a primeira grande ameaça em tentar impor uma ideologia religiosa na região. O grupo Maitasine marcou o início de ferozes conflitos e crises na Nigéria, em 1987 e, assim como no grupo Maitasine, os soldados do Boko Haram demonstram um extraordinário compromisso com sua causa. A filosofia, os objetivos, a organização, o planejamento e o *modus operandi* de ambos os grupos são similares. O nascimento do movimento Boko Haram, em sua viés revolucionária, deu-se através da liderança de Mohammed Yusuf e seu sonho de uma sociedade reformada, através dos princípios do islã. Yusuf não admitia que esse seu objetivo fosse atrapalhado por outros que talvez não fossem tão apaixonados pela causa como ele era.

De acordo com Michel Sodipo (2013), os conflitos que acontecem na Nigéria muitas vezes estão falsamente apoiados em questões religiosas, por se tratarem de conflitos entre cristãos e muçulmanos, mas que são, na verdade, originados em demandas econômicas, de divisão das riquezas oriundas da exploração do petróleo, da pobreza extrema que se encontra a população, da ignorância, corrupção do governo, fraudes em eleições (o que gerou um desencantamento do sistema político ocidental), mal uso de recursos e falta de oportunidades educacionais, políticas e de trabalho da população africana e da falta de infraestrutura geral social. Para Abimbola Adesoji (2010), esses problemas facilitaram o recrutamento de pessoas vulneráveis e desiludidas com a situação social da Nigéria a entrarem no exército de líderes religiosos radicais como Yusuf.

Sobre o fato dos conflitos na Nigéria estarem apoiados falsamente em questões religiosas, Timothy Fitzgerald (2011) comenta que isso é uma tendência nas relações internacionais, em uma tentativa de provar que a religião tem uma “irracional relação com a violência” e que essa tendência acaba sendo utilizada como justificativa para políticas externas e de segurança interna. Assim, o mito de que a religião é um “diabólico agente no mundo que ameaça a ordem natural das coisas e a paz” é sustentado.

Para Abimbola Adesoji (2010), não existe ainda uma conclusão definitiva se os movimentos jihadistas do Boko Haram na Nigéria estão ligados a outros grupos fora da África. No entanto, o seu *modus operandi* gera algumas curiosidades. O Boko Haram enviou membros para o Afeganistão, Paquistão e Iraque para treinamento. Esse fato, poderia ser um indício que o Boko Haram buscou no Talibã somente como uma fonte de inspiração, também poderia significar que eles buscaram a simpatia e o suporte do Talibã e de outros grupos relacionados ou, ainda, que esta ligação com o Talibã realmente existe e que todos os ataques estariam, de alguma forma, orquestrados em harmonia.

Doze estados nigerianos adotaram a Sharia, conjunto de leis conservadoras do Islã, em sua política, apesar da Nigéria ser um estado laico. Para Abimbola Adesoji (2010), “mesmo que a implementação da Sharia fosse vista de uma perspectiva diferente, como um esforço para pacificar esta população muçulmana que é contra a natureza secular do país, mesmo assim a medida não é suficientemente forte para apaziguar os elementos violentos da região”. O que o Boko Haram objetiva é uma visão unitária da sociedade que reconhece não existir diferenças entre Estado e religião e que a Nigéria deveria ser um estado islâmico administrado de acordo com a lei Sharia. Para o grupo, todos os muçulmanos pertencem a uma mesma *umma*, uma mesma comunidade e a noção de um estado secular é ateísta.

O crescente problema dos islâmicos fundamentalistas na Nigéria apresenta-se com causas e raízes muito mais profundas e demonstra que os esforços do governo nigeriano na tentativa de combatê-lo não têm sido suficientes. Para Ali Mazrui (2010), “as religiões são convocadas, se acreditarmos nas atuais tendências socioculturais, a desempenharem um importante papel no desenvolvimento da África, no plano da orientação das ideias tanto quanto naquele da contribuição ao estabelecimento e à implantação das infraestruturas sociais e econômicas, bases da ascensão geral da África”.

A situação atual da Nigéria posiciona-se como uma ameaça para a segurança do país e da comunidade internacional. A recorrente natureza desta crise religiosa e étnica é uma *time bomb*¹, de acordo com Abimbola Adesoji (2010).

Desta forma, “o fato religioso, adequadamente apreciado, analisado e criticado, além de corretamente disposto, pode ainda contribuir para a transformação social harmoniosa e para o desenvolvimento global da África no século XXI” (MAZRUI, 2010), por isso a importância na reflexão deste referido tema de pesquisa.

¹ “We are sitting on a time bomb”

Com uma revisão e exposição de bibliografias já publicadas, no primeiro capítulo, vamos apresentar os conceitos de religião e seu encontro com a pós-modernidade e as relações internacionais. No capítulo segundo, nos dedicamos a apresentar o surgimento dos conflitos embasados no fenômeno religioso na Nigéria e do grupo Boko Haram, fazendo uma ligação com a história do colonialismo na região. No último capítulo, buscamos aprofundar nossa reflexão sobre as causas de tais conflitos e suas consequências na vida e sociedade nigeriana.

1 CAPÍTULO

RELIGIÃO, PÓS-MODERNIDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

1.1. CONCEITOS E PENSAMENTOS SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO

A religião se torna, cada vez mais, um tema em voga para análise. Neste mundo de profundas mudanças, a religiosidade vem ganhando cada vez mais espaço, mais relevância para as relações internacionais. A religião surge, então, como conexão de identidades nacionais, cisão entre culturas e povos, fronteira, barreira para a globalização e como ferramenta política e econômica. Todo preceito de identidade carrega consigo a ideia de unidade e assim também ocorre com a religião. Porém, o que se observa – de maneira cada vez mais radical - é o poder de ruptura e conflito que o fenômeno religioso pode ter.

Gradativamente, se observa que a religião vem sendo usada como ferramenta política e ideológica para controle de sociedades; sociedades estas que estão envoltas por etnocentrismos. Utilizando-se de sua capacidade de influência dentro uma cultura, por ser a religião um importante aspecto de identidade nacional, o fenômeno religioso acaba se tornando uma prerrogativa perigosa para guerras.

O que vemos atualmente é um novo momento social, um efervescer de discussões e pesquisas sobre a religião como um dos maiores fenômenos da realidade, seu relacionamento com a pós-modernidade, suas estratégias de adequação a este novo período e sua ligação com a política. A fé e a política se encontram em duas dimensões fundamentais para a vida humana e hoje, poderíamos considerar a religião como uma forma de ideologia e que por meio dela muitos povos tem submetido seu meio a alguma forma de controle (SILVA, 1999).

Muitos filósofos e sociólogos tentaram compreender o fenômeno religioso. Durkheim afirmou sobre a realidade da existência da religião, “que onde o homem estivesse existiria a experiência do sagrado” e que jamais a religião desapareceria. Marx, por sua vez, sempre defendeu que “a religião seria o fruto da alienação da sociedade”. Opiniões diversas à parte, é perceptível a influência da religião em uma sociedade.

A religião apresenta, dessa forma, uma espécie de capacidade conflituosa. Tantos são os exemplos das guerras em “nome de Deus”. A religiosidade vem sendo usada como ferramenta de poder que não pode ser subestimada no âmbito das relações internacionais.

O que é interessante no fenômeno religioso é a sua dualidade. Fundamentalmente, temos a religião como teia de símbolos que compõe um universo significativo de valores no qual o ser humano se relaciona com o Sagrado. Apesar de ser difícil descobrir um traço comum a todas as crenças, temos a maioria das religiões envoltas na ética, na busca pela felicidade, no sentido da vida, na solidariedade, no respeito e na união. Porém, com tantas propriedades que talvez contribuíssem para a aproximação de culturas e identidades, a religião se torna uma fonte de enorme cisão entre os povos e uma justificativa perigosa para guerras. Essa ambiguidade do fenômeno religioso é, inclusive, um dos temas de maior reflexão de Timothy Fitzgerald (2011). Para o autor, a religião não tem nada a ver com política. Religião é gentil e uma questão de fé pessoal, essencialmente separada do mundo prático da política e economia. No entanto, o próprio autor concorda que a religião é um agente fundamental e identificável no mundo.

Sendo um trabalho de teor científico, temos como tarefa inicial a conceituação de nosso objeto de estudo. Assim, devemos conceituar religião, tarefa extremamente difícil se considerarmos as observações registradas pelo polonês Kolakowski (apud PENNA, 1999, p.23), “que nem a filosofia nem a religião dispõem de conceitos claros e bem definidos, no sentido de terem sua aceitabilidade consagrada por todos os especialistas”. Hans-Jürgen Greschat (2005, p.17) afirma que “a palavra religião é como um labirinto e perde-se nele quem não trazer um fio na mão para se orientar”. Já Penna (1999, p.25) considera ainda que “a religião seja um puro e simples instrumento de satisfação das necessidades profanas, quer de natureza psicológica, quer de significação social”. Para Antonio Penna (1999, p.24), a religião tem um sentido mais amplo: “todo simbolismo, todo ritual, toda figura mitológica possui certo valor religioso”. Para esse mesmo autor, “a experiência do sagrado é uma estrutura de consciência, ligada em nós às ideias de ser, de significado, de verdade”. Greschat (2005, p.18) coloca que “as religiões são concebidas da mesma maneira e que como qualquer outro objeto, a religião é reconhecível por características-chaves”.

A religião só pode ser definida em função das características que estão presentes por toda parte onde há religião. A religião pode ser vista apenas como manifestação natural da atividade humana, mas todas as religiões são instrutivas, pois todas exprimem o homem à sua maneira e podem assim ajudar o melhor compreender esse aspecto de nossa natureza.

Uma noção que geralmente é considerada como característica de tudo aquilo que é religioso é a de sobrenatural, ou seja, da ordem de coisas que vai além do alcance do nosso entendimento. A religião seria, assim, uma espécie de especulação sobre tudo aquilo que escapa à ciência. Spencer (1881) diz que “as religiões, diametralmente opostas por seus dogmas, estão de acordo para reconhecer tacitamente que o mundo, com tudo o que contém e com tudo o que o cerca, é mistério que pede explicação”. Outra ideia pela qual se tentou, muitas vezes, definir a religião é a de divindade. Réville (1881), sobre este ponto de vista, fala que “a religião é a determinação da vida humana pelo sentimento de um laço que une o espírito humano ao espírito misterioso, cuja dominação reconhece sobre o mundo e sobre si mesmo e ao qual gostaria de sentir unido”.

Comumente, uma religião é definida como um sistema solidário de crenças segundas e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, coisas separadas e muitas vezes proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, em sua maioria chamada igreja, todos os que a ela aderem. Procurando definições, a religião pode dizer respeito a seres espirituais, à promessa de redenção, ao sentido da vida ou a uma debilidade mental da humanidade. No entanto, Greschat (2005) afirma que “todavia carregada por conteúdos múltiplos e até contraditórios, a palavra religião não serve como conceito e embora novas definições sejam lançadas permanentemente, até hoje não se chegou ao resultado esperado”. Não há uma definição que não seja rejeitada por, pelo menos, uma pessoa.

De acordo com Charles Hainchelin (2005), “a religião é um reflexo particular, apaixonante e fantástico na consciência social, das relações dos homens entre si e com a natureza, porque os homens, tanto na sociedade primitiva quanto nas sociedades divididas em classes ou nas sociedades modernas, sempre estiveram sob domínio de forças que lhes são exteriores, que eles não conhecem e não podem dominar e pelas quais eles experimentam certo temor misterioso”. Émile Durkheim coloca que “todas as religiões são verdadeiras porque representam uma coletividade e que não existiriam religiões falsas, pois todas elas expressam alguma parte profunda da alma humana”.

Apesar de existirem outras correntes que pensam contrário a Durkheim, como é o caso de Silva Mello (1963), todas admitem que o fenômeno religioso compõe um importante campo de estudo para mais profundamente entender nossa sociedade. Silva Mello coloca que a negação da existência de um Deus, há poucos séculos passados, teriam o levado à fogueira,

mas que o mundo havia progredido trazendo a liberdade espiritual. Spinoza (2007)² entende por Deus “um ser supremo absolutamente infinito, ou seja, uma substância constituída por uma infinidade de atributos que cada um expressa uma essência eterna e infinita”. Strieder (1983) acrescenta ao conceito de Deus, como sendo “a personificação da lei, da moralidade, da razão humana, da inteligência e do amor”. Silva Mello coloca em evidência que as religiões são por demais negativas e pessimistas e que pouco oferecem em favor da vida humana ou garanta sua felicidade. Para ele, “o homem tem se tornado vítima de si próprio, da sua filosofia, da sua religião, do que é abstrato e ilusório, quando a condição primária deveria ser a sua adaptação à vida”. Bertrand Russel acrescenta às reflexões de Mello: “antes pereça o mundo do que tenha eu ou qualquer criatura humana de crer numa mentira”. A magnitude da influência do fenômeno religioso para as relações internacionais acaba transcendendo as discussões sobre a “verdade” ou a “mentira” da religião e trazendo a necessidade de melhor compreender esta realidade na sociedade mundial.

O fenômeno religioso é também uma manifestação cultural. Cultura, conceito desenvolvido inicialmente por Edward Burnett Tylor, é tudo criado pelo homem; práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço, referindo-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Cultura é o que explica e dá sentido à cosmologia social, a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período. Transmitida de geração em geração, a cultura é assistemática e produz uma herança material e imaterial.

A utilização da religião como uma ferramenta política de ideologia, poder, persuasão ou manipulação não é recente. Charles Hainchelin (2005), como já citamos, coloca que “o homem sempre esteve sob domínio, de alguma forma, de uma força externa ou suprema”. Norberto Bobbio (2004) atribui dois significados, um fraco e um forte, para ideologia. No seu significado fraco, de uma ideologia neutra, ideologia designa “um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos”. O significado forte, de uma ideologia falsa, tem origem no conceito de Marx, entendido como “falsa consciência das relações de domínio entre classes”.

Bobbio (2004) designa como poder a “capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos, podendo ser referida a indivíduos, grupos humanos, objetos ou a fenômenos naturais”. O autor traz uma reflexão muito interessante ao evidenciar que o poder não deriva

²“Entiendo por Dios un ser supremo absolutamente infinito, es decir, una sustancia constituida por una infinidad de atributos de los que cada uno expresa una esencia eterna e infinita”.

simplesmente da posse ou do uso de certos recursos, mas também da existência de determinadas atitudes dos sujeitos implicados na relação; e a religião possui esta capacidade de incentivar certos tipos de comportamentos e atitudes entre seus praticantes.

O conceito de religião também pode ser observado na esfera da manipulação e persuasão. O primeiro termo indica, de acordo com Noberto Bobbio (2004), “uma série de relações que se distinguem por uma acentuada diferença entre o caráter ativo e intencional da ação do manipulador, que visa transformar o comportamento do manipulado e o caráter passivo e inconsciente do comportamento deste”. Na esfera manipulativa, o manipulador molda as crenças e comportamentos do manipulado e o manipulado, por sua vez, ignora ser objeto de manipulação, acreditando que adota o comportamento que ele mesmo escolheu. A persuasão, por sua vez, “visa à obtenção do consentimento voluntário e consciente daquele a quem se dirige”, isto é, um sujeito tenta persuadir o outro a abraçar uma certa crença de maneira explícita. A princípio, a ideia de manipulação na esfera religiosa é muito forte e duvidosa.

Uma outra reflexão que se encontra neste tema é que o processo de globalização trouxe uma necessidade de nova adaptação do fenômeno religioso. A globalização se refere àqueles processos, de acordo com Anthony McGrew (2006), atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (HALL, 2006). Hoje, é possível observar um cruzamento entre estas três ideias: religião, manipulação e globalização. Principalmente por que o advento da globalização trouxe o surgimento de novas religiões, crenças, seitas e igrejas; uma religião à *la carte*. Muitas destas novas religiões são utilizadas como ferramenta de manipulação, com objetivos econômicos – em sua maioria, visando camadas menos favorecidas econômica e socialmente de nossa sociedade. Renato Ortiz (2009) está convencido que “o processo de mundialização da cultura transforma radicalmente as noções de internacional, nacional, local e religião e que as religiões têm também seu estatuto alterado pela globalização”.

1.2. CONFLITOS RELIGIOSOS, HISTÓRIA E PÓS-MODERNIDADE

A Nigéria possui uma condição de destaque na região africana, por ser o país mais populoso na África e rico em recursos naturais. Os conflitos religiosos entre muçulmanos e

cristãos na Nigéria têm raízes em questões religiosas, todavia se cruzam nos interesses políticos e econômicos na região.

A história está repleta de exemplos onde o poder da religião foi utilizado de forma conflituosa. Primeiramente têm-se as Cruzadas, também conhecidas como Peregrinação ou Guerra Santa, que foram expedições militares cristãs iniciadas no ano 1000 que partiram rumo a Terra Santa e a cidade de Jerusalém, ocupada então pelos turcos muçulmanos e que tinham como objetivo a tomada de controle da região. As Cruzadas foram um movimento que muito incentivou à literatura, o comércio, a cultura e a cavalaria. No entanto, os eventos aprofundaram de maneira importante as diferenças entre o Cristianismo e o Islã.

A ascensão e a queda do Império Otomano e Romano também tem uma relação com a religião. O primeiro se viu diante da necessidade de tolerância entre judeus, muçulmanos e cristãos, e o segundo se dividia entre uma nova religião dita como oficial (cristianismo), uma tradição pagã, politeísmo e as perseguições causadas por esta divisão.

A Reforma Protestante foi um movimento reformista cristão iniciado no século XVI por Martinho Lutero, que, através da publicação de suas 95 teses, protestou contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo uma reforma no catolicismo. O resultado da Reforma Protestante foi a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os reformados ou protestantes, originando o Protestantismo.

A Primeira e a Segunda Guerra Mundial acabaram trazendo em suas raízes e consequências muitas questões religiosas: o conflito entre nações com identidades religiosas diferentes, a aliança com países praticantes de uma mesma crença, o massacre ao povo judeu e a manipulação.

Na pós-modernidade, o terrorismo conseguiu se aliar ao fenômeno religioso. Terrorismo é uma estratégia política, por excelência, que consiste no uso de violência física e/ou psicológica em tempos de paz ou guerra não declarada. Hoje, muitos grupos religiosos-políticos assumem a autoria de atentados, ao redor do mundo, que visam provar, confrontar ou desafiar alguma causa. Para Haynes (2009), um dos fatores mais importantes no crescimento da religião como uma característica do terrorismo moderno foi o fim da Guerra Fria, que significou o fracasso da ideologia comunista e o fim da ordem mundial bipolar. A emergência de uma ordem mundial unipolar foi considerada por várias culturas e membros radicais como uma ameaça à sua identidade e sobrevivência. Na ausência de ideologias seculares alternativas, muitos extremistas colocaram a religião como o centro ideológico fundador de suas atividades.

O surgimento do grupo terrorista Boko Haram na Nigéria e os consequentes embates entre religiões e etnias da região, constituem uma séria ameaça à unidade do país e, de uma maneira mais geral, à estabilidade da região africana.

Joanildo Burity (2009) afirma que não se pode ignorar a visibilidade pública da religião na cena contemporânea, quer no plano da cultura e do cotidiano, quer no da esfera pública e da política. O comentário de Burity (2009) encontra-se exatamente com o pensamento de Haynes (2009), que também afirma que a religião possui um caráter público e que suas tradições são as características fundamentais que garantem a sua preservação no encontro com a nova globalização. Para este autor, política e religião exibem áreas de convergência e coesão histórica, mas que também são o caminho para diferenciar analiticamente as duas esferas.

Para o estudioso africano Kwame Nkrumah (1964), a religião não é simplesmente um conjunto de crenças, mas um modo de vida, o fundamento da cultura, da identidade e dos valores morais. A religião constitui um elemento essencial da tradição a contribuir na promoção da estabilidade social. O autor ainda acrescenta que a religião impregna toda a trama da vida individual e comunitária da África e que o africano é um ser profunda e incuravelmente crente, religioso.

Dessa forma, fica clara a facilidade pela qual o fenômeno religioso se transformou em uma ferramenta de poder, tanto em termos políticos e econômicos, quanto em termos sociais. O fenômeno religioso está intrinsecamente ligado ao ser humano como indivíduo e, conseqüentemente, como grupo. A religião apresenta, assim, duas faces. A primeira, está repleta de significados místicos e culturais que visam a experiência e engrandecimento do sagrado, da fé, da crença e até mesmo da identidade de um determinado grupo. A segunda face, no entanto, representa uma espécie de segmentação de uma população, fortalecida por um alto grau de etnocentrismo. É nesta segunda característica que muitos líderes, seja de um segmento religioso, de um país ou de um grupo terrorista, buscam justificativas para escolhas, políticas direcionadas, violências e atitudes.

2 CAPÍTULO 2

O SURGIMENTO DOS CONFLITOS RELIGIOSOS NA NIGÉRIA

2.1. VISÃO GERAL DO PAÍS

A República Federal da Nigéria é uma república constitucional federal, localizada na África Ocidental e compreende trinta e seis estados e a Capital Federal, Abuja. A Nigéria é o país mais populoso da África e o oitavo país mais populoso do mundo. Com uma população de mais de 168 milhões de habitantes, é uma potência regional.

O nome "Nigéria" foi criado de uma fusão das palavras *Niger* (referente ao Rio Níger) e *area* (termo inglês para "área"). A Nigéria é composta por mais de 250 grupos étnicos. As maiores religiões são o islamismo e o cristianismo. São faladas 512 línguas, mas o inglês é usado como língua oficial, facilitando a comunicação entre os diversos grupos étnicos. Assim, a Nigéria se apresenta como um "complicado mosaico étnico".

A economia nigeriana era baseada na produção agropecuária, principalmente no cultivo de cacau, café, amendoim, banana e azeite de dendê, todos com finalidade de exportação. O setor agrícola, em grande medida de subsistência, não acompanhou o rápido crescimento da população e o país recorreu à importação para suprir as necessidades internas.

No subsolo nacional, encontra-se uma das maiores reservas de minério fóssil do mundo, assentando a economia, principalmente, no petróleo. A economia da Nigéria tem um dos crescimentos mais rápidos do mundo, no entanto, a maioria da população do país ainda vive na pobreza absoluta. Parece que essa imensa riqueza do petróleo não consegue atingir a pobreza com a qual seus habitantes convivem. Apesar de ser uma das maiores áreas de produção de petróleo no mundo, a maior parte da renda não vai para o povo, que enfrenta as consequências das atividades de sua extração. Subsequentemente, essa região possui alto nível de pobreza e uma ausência de serviços de utilidade pública e infraestrutura.

A região do Norte do país, de acordo com Andrew Walker (2012), tem do que o restante problemas de desenvolvimento mais graves do que o restante do país, possuindo uma das piores taxas de mortalidade infantil do mundo. O nível de pobreza e desprovisionamento é mais alto do que no restante do país, enquanto a participação política ativa é baixa.

Etnicamente, a Nigéria é bem diversificada, como já mencionamos anteriormente. No entanto, as políticas coloniais reforçaram as tensões tribais, uma vez que muitas não respeitaram os limites, liberdades e diferenças étnicas e culturais dos diferentes grupos e tribos.

2.2. HISTÓRIA DO COLONIALISMO NA REGIÃO

A Nigéria abrigou uma das civilizações mais avançadas da Antiguidade e da história dos Impérios que existiram no continente africano: a cultura Nok (550 a.C. a 200 a.C). Essa civilização se desenvolveu na utilização de ferramentas industriais, tinha pleno conhecimento sobre agricultura e a arte, tendo influenciado civilizações africanas posteriores. As caravanas de comércio árabe alcançaram a África Ocidental no século VII d.C, expandindo para essa região a fé da cultura islâmica. Buscando dominar o comércio e a coleta de imposto ao longo do Rio Níger, a Grã-Bretanha obteve o controle da área que hoje corresponde ao território nigeriano no fim do século XIX. A Nigéria foi criada em 1914, quando o país se tornou independente dos britânicos (apesar de ter sido somente em 1960 que o país obteve de fato a sua independência), e já nasceu dividida. Desde então, a Nigéria continua experimentando tensão étnica e religiosa.

Entre 1885 e 1914, foi no decorrer desse período que a África, um continente com cerca de trinta milhões de quilômetros quadrados, se viu retalhada, subjugada e efetivamente ocupada pelas nações industrializadas da Europa. Em 1884, acontecia em Berlim uma conferência internacional que permitisse resolver conflitos. A conferência, que, inicialmente, não tinha por objetivo a partilha da África, terminou por distribuir territórios e ainda estabelecer as regras a serem observadas no futuro em matéria de ocupação de territórios nas costas africanas. No entanto, antes da conferência de Berlim, as potências europeias já tinham suas esferas de influência na África por várias formas: mediante a instalação de colônias, a exploração, a criação de entrepostos comerciais, de estabelecimentos missionários, a ocupação de zonas estratégicas e os tratados tornaram-se instrumentos essenciais da partilha da África no papel.

Os historiadores, de acordo Albert Boahen (2010), até agora não têm a dimensão real das consequências desastrosas, quer para o colonizado quer para o colonizador, desse período

de guerras contínuas, embora em geral sublinhem que se tratou de uma época de transformações revolucionárias fundamentais. A África foi o último continente subjugado pela Europa. O que há de notável nesse período é, do ponto de vista europeu, a rapidez e a facilidade relativa com que, mediante um esforço coordenado, as nações ocidentais ocuparam e submeteram um continente assim tão vasto. É um fato sem precedentes na história. Jamais um grupo de Estados de um continente proclamou, com tal arrogância, o direito de negociar a partilha e a ocupação de outro continente.

As potências europeias puderam conquistar a África com relativa facilidade porque a balança pendia a seu favor, sob todos os aspectos. Em primeiro lugar, graças às atividades dos missionários e dos exploradores, os europeus sabiam mais a respeito da África e do interior do continente do que os africanos a respeito da Europa. Em segundo lugar, em função das transformações revolucionárias verificadas no domínio da tecnologia médica e, em particular, devido a descoberta do uso profilático do quinino contra a malária, os europeus temiam menos a África do que antes de meados do século XIX. Em terceiro lugar, em consequência da natureza desigual do comércio entre a Europa e a África até nos anos 1870 e mesmo mais tarde, bem como no ritmo crescente da revolução industrial, os recursos materiais e financeiros da Europa eram muitíssimo superior aos da África. A Europa podia concentrar-se militarmente de maneira quase exclusiva nas atividades imperiais ultramarinas, mas os países e os Estados africanos tinham suas forças paralisadas pelas lutas internas.

Para Albert Boahen (2010), o fator mais decisivo foi, evidentemente, a esmagadora superioridade logística e militar da Europa. Enquanto a Europa empregava exércitos profissionais bem treinados, poucos Estados africanos possuíam exércitos permanentes e menos ainda dispunham de tropas profissionais. Nos termos da Convenção de Bruxelas (1890), as potências imperiais tinham se comprometido a não vender armas aos africanos, o que significa que estes dispunham de equipamentos militares obsoletos e muitas vezes fora de uso, enquanto os exércitos europeus dispunham de armas modernas: artilharia pesada, carabinas de repetição e sobretudo metralhadoras.

Muitas são as teorias, de acordo com Albert Boahen (2010), que podem ser consideradas como justificativa para a dominação da África. Uma delas é a formulação clássica da teoria do imperialismo econômico é a de John Atkinson Hobson, onde “a superprodução, os excedentes de capital e o subconsumo dos países industrializados levaram-nos a colocar uma parte crescente de seus recursos econômicos fora de sua esfera política

atual e a aplicar ativamente uma estratégia de expansão política com vistas a se apossar de novos territórios”. Para ele, estava aí a raiz econômica do imperialismo.

Outra teoria a ser considerada é a de Joseph Schumpeter. Seu raciocínio funda-se no que ele considera ser um desejo natural do homem de dominar o próximo pelo prazer de dominá-lo. O imperialismo seria, portanto, um egoísmo nacional coletivo que um Estado manifesta de expandir-se ilimitadamente pela força.

Carlton Hayes acreditava que o novo imperialismo era um fenômeno nacionalista e que seus defensores tinham sede ardente de prestígio nacional. Para ele, a partilha da África não foi um fenômeno econômico. F. H. Hinsley sublinha, por sua vez, que o desejo de paz e de estabilidade dos Estados europeus foi a causa principal da partilha da África, pois quando os conflitos de interesse na África ameaçaram a paz na Europa, as potências europeias não tiveram outra escolha a não ser retalhar a África. Era o preço para se salvaguardar o equilíbrio diplomático europeu, estabilizado nos anos 1880.

Uma outra escola sustenta que o interesse da Europa pela África era de fato ditado por uma estratégia global, e não pela economia. Os grandes defensores dessa teoria, Ronald Robinson e John Gallagher, atribuem a responsabilidade da partilha à influência dos movimentos na África que ameaçavam os interesses estratégicos globais das nações europeias. Portanto a África teria sido ocupada, não porque tivesse riquezas materiais a oferecer aos europeus, mas porque ameaçava os interesses dos europeus.

Poucos são os Estados africanos que possuem uma identidade pré-colonial significativa. A maioria é produto da conquista da África pelos poderes europeus. As potências coloniais não levaram em conta os interesses das populações locais ao traçarem os limites de seus domínios africanos. As novas fronteiras separavam grupos étnicos e culturais. Em outros casos, os territórios coloniais englobavam grupos diversos e independentes, sem história, língua, cultura ou religião em comum.

Duas religiões estrangeiras foram introduzidas ao lado da religião tradicional: o islamismo e o cristianismo. A presença cristã no país inicia-se em 1840, com a penetração dos missionários para estabelecerem centros de catequese e de civilização, não somente destinados a expandir a religião, mas também promover o comércio e a agricultura. O número de cristãos é maior na parte sul do país; já o norte é denominado por maioria muçulmana.

A colonização dos países da África pelos europeus, especialmente nos séculos XIX e XX, contribuiu de forma muito significativa para o crescimento da igreja cristã na Nigéria. Os líderes cristãos no norte do país sofrem grande pressão econômica e política da própria

população e da outra maioria islâmica do país, de acordo com Albert Boahen (2010). O registro histórico do primeiro confronto entre cristãos e muçulmanos data do século XIX, quando um muçulmano chamado Fulani declarou uma guerra santa contra os muçulmanos infiéis e descrentes. Constitucionalmente, a Nigéria é um Estado laico com liberdade religiosa.

As dinâmicas da descolonização e da Guerra Fria constituíram elementos importantes de conflitos africanos. Tipicamente, as constituições adotadas pelos países africanos no momento de sua independência haviam sido redigidas sob a tutela de seus ex-senhores coloniais e, ao contrário das práticas autoritárias destes, estavam repletas dos princípios idealistas da democracia liberal, com os quais a África não tinha tido contato prévio ou experiência. Os regimes construídos sobre essas constituições eram, em essência, conceitualizações estrangeiras transplantadas, que não tinham raízes nativas e careciam de legitimidade. Estima-se que, à época da independência, apenas 16% da população africana adulta era alfabetizada e não mais de 3% da população em idade escolar completava a educação secundária. Essas deficiências, de acordo com Luiz Ivaldo Santos (2011), nem sempre eram acidentais, mas refletiam, por vezes, o temor do colonizador quanto aos efeitos subversivos que a educação de seus súditos poderia produzir. Nessas circunstâncias, não é de se estranhar que imperasse a instabilidade política e que os padrões de eficiência da administração pública fossem deficientes.

Em 1989, quase todos os Estados africanos eram estados unipartidários ou ditaduras militares. Os militares foram tentados a intervir no processo político para pôr fim a sucessivas mudanças de governo. O fim da Guerra Fria, porém, abalou o prestígio dos regimes autoritários, além de reduzir o fluxo de apoio externo. Esses fatores, somados às pressões dos organismos financeiros internacionais, levaram a um amplo retorno a instituições formalmente democráticas.

2.3. O SURGIMENTO DO GRUPO FUNDAMENTALISTA BOKO HARAM

A Nigéria é uma nação dividida religiosa e etnicamente. O norte, de maioria muçulmana, e o sul, de maioria cristã, travam um conflito político há anos, permeado por diversos episódios de violência. São 250 etnias em um delicado equilíbrio entre muçulmanos, cristãos e o resto da população que segue os cultos tradicionais.

O continente africano é parte vitalmente importante do mundo islâmico e do domínio da cultura árabe. Mais de 60% da população mundial de fala árabe está na África. O islamismo é também amplamente difundido entre populações não árabes. Existem mais muçulmanos na Nigéria do que em qualquer outro país árabe. Cerca de metade da população do continente africano é muçulmana e aí se registra a maior taxa de aumento dos adeptos do Islã.

Neste contexto de pluralismo étnico e difusão do islamismo, surge o Boko Haram, um grupo fundamentalista que existe desde os anos 1960, mas ganhou proeminência somente em 2009, quando as tensões religiosas na Nigéria ganharam corpo. Hoje o grupo é uma das mais graves ameaças à estabilidade no país. De acordo com Farouk Chothia (2012), o nome oficial do grupo é *Jama'atu Ahlis Sunna Lidda'awati wal-Jihad*, que significa em árabe *Pessoas Comprometidas com a Propagação dos Ensinamentos do Profeta e Jihad* ou que a educação ocidental é proibida ou pecaminosa. Freedom Onuoha (2012) comenta que existe uma ironia interessante no discurso do grupo Boko Haram, já que seus membros não recusam ou rejeitam os produtos tecnológicos advindos da civilização ocidental, tais como: motocicletas, carros, celulares e armas.

A seita islâmica acredita, de acordo com Andrew Walker (2012), que as políticas no norte da Nigéria estão sendo administradas por um grupo corrupto de falsos muçulmanos, por pessoas que têm seus valores distantes de Alá (Deus) e mais importados em dinheiro e valores ocidentais. Esses falsos muçulmanos são conhecidos como *Yan Boko*, por serem considerados corruptos moralmente, sem piedade religiosa e criminosos, por se preocuparem no enriquecimento próprio e não se dedicarem a *umma* (comunidade muçumana). Assim, o grupo atua de forma a radicalizar o debate religioso na Nigéria e tem o objetivo declarado de instaurar a lei islâmica em todo norte do país, a fim de instaurar um Estado islâmico puro. A divisão religiosa, assim como a disputa pelo petróleo e por terras, dá força para uma onda separatista. O Boko Haram tem conseguido servir-se da frustração causada pela pobreza generalizada, a corrupção governamental, os conflitos etno-religiosos e os abusos cometidos pelas forças de segurança para alimentar o extremismo islâmico no norte da Nigéria.

A radicalização é o processo através do qual um indivíduo ou grupo adota ideias políticas, sociais e religiosas extremistas que rejeitam o status quo, contestam os conceitos modernos de liberdade de escolha e expressão e propõem a violência e o terrorismo como forma de atingir os seus fins ideológicos. O processo começa geralmente por uma mudança nas aspirações pessoais do indivíduo e o abandono dos valores com que antes se identificava.

A transformação é alimentada por frustrações pessoais e o descontentamento coletivo causados por problemas locais e acontecimentos internacionais.

Seus seguidores são influenciados pela seguinte frase: “qualquer pessoa que não é governada pelo que Alá revelou, está entre os transgressores”³. O Boko Haram promove uma versão do Islã que proíbe os muçulmanos a participarem de qualquer atividade social ou política associada a sociedade ocidental. Isso inclui, votar em eleições e receber uma educação tradicional. O Boko Haram não aceita escolas que não seguem a orientação islâmica e reage que a Nigéria está sendo governada por não-crentes.

A marca registrada dos ataques do Boko Haram tem sido o uso de atiradores em motocicletas, bem como o assassinato de policiais, políticos ou qualquer outra pessoa que critique o movimento. O Boko Haram já atacou, inclusive, clérigos de outras tradições muçulmanas e pastores cristãos. Em todos os casos, as vítimas acabam morrendo com base em suas religiões. A cada batalha travada entre forças de segurança e rebeldes do Boko Haram, aumenta o número de vítimas civis. Deste modo, toda a vida social e econômica nos Estados do norte têm vindo a degradar-se drasticamente, com a fratura das comunidades e o agravamento geral da instabilidade.

Para Andrew Walker (2012), a rapidez e velocidade com que o grupo desenvolveu a capacidade de produzir grandes e improvisados artefato explosivo e listar homens-bombas sugere uma ajuda externa, talvez de outros grupos terroristas já em ação. Todavia, até o momento o grupo não apresentou nenhuma intenção de atacar os interesses ocidentais fora da Nigéria.

O aumento de conflitos no norte da Nigéria constitui uma ameaça de segurança, não apenas na Nigéria, mas para toda a região e comunidade internacional. A campanha de violência do Boko Haram tem vindo a crescer em termos dos meios utilizados: bombistas suicidas e dispositivos explosivos improvisados, do número de membros do grupo e da multiplicação de facções.

Se a Nigéria e os seus parceiros não conseguirem conter a crescente radicalização da juventude nigeriana e as tensões etno-religiosas que germinam por todo o país, muitos cidadãos pobres e marginalizados do norte da Nigéria continuarão a aderir a grupos radicais islâmicos, transformando o norte num centro de instabilidade. Este fato tem graves implicações para a segurança e economia da região em geral e para os parceiros

³ “Anyone who is not governed by what Allah has revealed is among the transgressor”.

internacionais. A única forma de remover a ameaça do grupo no norte do país é melhorar as condições de vida da população e garantir uma maior participação política.

Analistas dizem, de acordo com Farouk Chothia (2012), que a Nigéria tem um histórico de grupos similares ao Boko Haram. Michael Sodipo (2013) afirma que embora o extremismo islâmico violento no norte do país tenha registrado um grande aumento na última década, o conceito de jihad na Nigéria tem raízes históricas profundas. Um rápido desenvolvimento do revivalismo islâmico e cristão na década de 1970 abriu caminho ao extremismo que existe hoje no norte da Nigéria. O puritanismo dos adeptos de ambas as religiões no norte da Nigéria deu origem a movimentos políticos cada vez mais fundamentalistas. A revolução de 1979 no Irã, que produziu um governo islâmico, inspirou muitos muçulmanos do norte da Nigéria. O movimento Maitatsine, ativos desde o início de 1970, tornou-se o principal grupo extremista violento da Nigéria. A seita era contrária à modernização e rejeitava tudo aquilo que estivesse conotado como ocidental. Neste período, o grupo Maitatsine incitou os setores mais desfavorecidos da população a insurgir-se contra as elites urbanas. Tal movimento foi o primeiro a adotar muitas das táticas que viriam a caracterizar o processo atual de radicalização islâmica na Nigéria, como o incitamento de comunidades pobres contra muçulmanos prósperos dos meios urbanos, a defesa do emprego da violência contra não muçulmanos, a adesão a movimentos islâmicos internacionais e a incorporação de táticas jihadistas globais em operações locais. O Boko Haram, fundado em 2002 por Mohamed Yusuf⁴, é a expressão mais recente de uma tendência que se faz sentir há muito tempo e também defende a adesão ao movimento internacional de jihad. A violência exercida desde 2009 pelo Boko Haram é superior a do movimento Maitatsine.

Mohamed Yusuf foi o responsável, de acordo com Freedom Onuoha (2012), por dar a cara que o movimento Boko Haram hoje possui. Em seus anos iniciais de transformação em um movimento extremista, Yusuf incentivou uma exclusão dos membros da corrupta sociedade nigeriana, fazendo-os viver em áreas distantes de qualquer contato urbano, a fim de intelectualizar e radicalizar o processo revolucionário em cada membro. Em desassociar os membros da grande sociedade, Yusuf garantiu que os membros se tornassem mais doutrinados nas ideologias do movimento. Yusuf pregava uma vida simples e completamente desprendida para seus seguidores, mas aproveitava, ele próprio, dos luxos ocidentais.

⁴ Yusuf morreu sob custódia policial em julho de 2009.

Partilhando o desígnio dos jihadistas de outrora, o Boko Haram defende que a solução de problemas como a corrupção generalizada nas esferas oficiais, a exclusão política e as desigualdades sociais reside na adesão à versão puritana que o Islã que professa. De acordo com Freedom Onuoha (2012), a missão ideológica do grupo é muito clara em impor a lei islâmica no país e assumir a administração do Estado.

Andrew Walker (2012) comenta que Yusuf dizia que o propósito da organização era substituir uma sociedade que tinha se tornado corrupta e irrecuperável. O seu grupo iria criar uma nova sociedade com um único propósito de estar perto de Alá (Deus). Por causa desse objetivo, prosperidade e sucesso iriam naturalmente fluir para todos. Assim, a nova sociedade substituiria a corrupta civilização nigeriana.

CAPÍTULO 3: AS CAUSAS DOS CONFLITOS RELIGIOSOS NA NIGÉRIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

3.1. INSTALAÇÃO DA LEI SHARIA

A influência muçulmana na Nigéria vem ganhando espaço há anos e, no início dos anos 2000, doze Estados no norte (com maioria muçulmana) instauraram versões da Sharia, a lei islâmica, em suas legislações, provocando violência e a fuga de milhares de cristãos e seguidores de religiões africanas na região. O Boko Haram defende uma visão altamente rígida da Sharia e rejeita basicamente tudo o que venha do Ocidente. A convivência entre as duas religiões, islamismo e cristianismo, tem se tornado difícil desde então. A constituição nigeriana estabelece, de acordo com Hélio Pedroso (2000), que o governo não pode adotar nenhum credo como religião de Estado. Essa afirmação constitucional, que dava certa tranquilidade aos cristãos, nunca foi aceita pelos muçulmanos mais fanáticos, que gostariam que religião e Estado fossem um só.

Constitucionalmente, a Nigéria é um Estado laico com liberdade religiosa, ou seja, os Estados não têm permissão para escolher uma religião. Uma das formas de disputa de poder é a imposição da Sharia, desrespeitando o Estado Nacional, que se mostra contrário a essa determinação. No entanto, o próprio governo se mostra dividido, com alguns de seus membros apoiando islâmicos radicais.

Além das tentativas de islamizar a Nigéria por via legal, os muçulmanos penetraram nas aldeias construindo escolas e mesquitas, comprando terrenos e subornando os chefes das aldeias, a fim de forçá-los a se converterem ao islã. De acordo com Farouk Chothia (2012), “Boko Haram não estava somente interessado em educação, o seu objetivo político é criar um Estado Islâmico, sendo a escola um campo de recrutamento para jihads combaterem ao lado do Estado”.

De acordo com Pedroso (2000), existem fortes indícios de que atrás dessas tentativas de impor a lei islâmica na Nigéria, existe algum grupo interessado no petróleo do país. Alguns políticos do norte esperam que a introdução da sharia atraia uma significativa quantidade de grandes investidores de países árabes. A Sharia é um conjunto de leis baseadas no livro sagrado do Islamismo, o Corão.

Pedroso (2000) comenta que quem denuncia essa possibilidade é o estudioso egípcio e jesuíta Pe. Samir Khalil Samir, que faz notar a implantação de múltiplas escolas islâmicas, centros de culturas e propaganda, financiamento de jornais que defendem o islamismo e uma significativa penetração nas universidades, com ofertas de bolsas para estudar em países islâmicos. Pe. Samir critica esses projetos por serem pseudo-humanitários, alertando que a Sharia poderia ser aceita pelos muçulmanos, mas não pode ser imposta, pois em seu conteúdo há artigos que não respeitam os direitos humanos. O Estado nigeriano, por exemplo, considera inconstitucional a condenação à morte. No entanto, Estados do Norte adeptos à Sharia, continuam aplicando a pena de morte. O estudioso ainda chama a atenção internacional que essas seriam tentativas de uma conquista para islamizar o poder.

Apesar da garantia de que essa controversa lei será aplicada somente aos muçulmanos, os cristãos nigerianos e os ex-muçulmanos temem discriminação sob o regime legal. As escolas mantidas pelo governo são obrigadas a ensinar tanto a educação religiosa cristã como a muçulmana, todavia as autoridades de muitas partes do norte impedem o ensino do cristianismo.

Os conflitos que têm acontecido na Nigéria já deixaram mais de 15 mil mortos desde 1999, quando foi implantada a Sharia. Tais conflitos vêm crescendo na Nigéria desde a década de 50. O mais influente centro do saber islâmico do mundo é a Universidade Al-Azhar, situada na capital egípcia, fundada no ano 970, e responsável pela emissão de algumas das mais importantes interpretações da lei islâmica Sharia nos últimos seiscentos anos.

3.2. AS RAÍZES DOS CONFLITOS

Sobre as raízes desta violência, várias dinâmicas se sobressaem quando se analisam os conflitos nigerianos e africanos. O bispo de Maiduguri (cidade que já foi vítima de vários ataques do grupo) Dom Doeme, em Rosa (2010), afirma que “as causas desta violência são múltiplas. São sociais, econômicas, políticas e religiosas. Em particular, algumas pessoas de grande influência em nossa sociedade estão perdendo importância e usam a religião para incitar as mentes dos jovens sem educação a semear a violência. Um doutrinação muito forte, baseado na crença de que morrer lutando pela causa leva você para o céu”. O bispo acrescenta que jovens são explorados por políticos gananciosos que estão perdendo

relevância, mas que querem permanecer no poder por dinheiro. Dom Doeme não exclui influências estrangeiras na violência, mas reafirma que a corrupção é a raiz de todo o mal social, político e econômico do país.

O governo do Estado alega que as constantes crises e confrontos entre muçulmanos e cristãos sempre têm motivações políticas e econômicas por trás, de acordo com José Antônio Lima (2011). A falta de unidade nacional é favorável à divisão de poder interna, além de fomentar as disputas étnicas. As grandes reservas de petróleo ostentadas pelo país, alimentam as disputas econômicas internas e mobilizam os interesses externos, na relação com as grandes potências.

A luta pelo poder manifesta a vontade do Islamismo Nigeriano de ocupar o poder central e assim impor seu fundamentalismo na Nigéria. “Embora não seja possível culpar diretamente a religião como causa dos conflitos, as trágicas consequências revelam, contudo, o quanto o país está dividido: a Sharia e o Islamismo de um lado, o Cristianismo do outro” (ROSA, 2010). A introdução da Sharia nos Estados de maioria islâmica, provoca uma série de conflitos entre cristãos e muçulmanos.

As disputas na Nigéria são antigas e têm crescido nos últimos anos. Esses acontecimentos ressuscitam a relação entre violência, guerras e religiões. Esses são fatores de paz, que contribuem para agravar tensões e conflitos, pois falam em nome de Deus e trabalham com a noção de absoluto. “Tanto os muçulmanos como os cristãos, perceberam que a religião é um meio extremamente efetivo de mobilizar uma grande massa de pessoas. Líderes locais de ambos os lados, manipulam cinicamente a religião, gerando consequências desastrosas” (ROSA, 2010).

Os conflitos religiosos na Nigéria são resultado da fraca unidade nacional, que sempre caracterizou as ex-colônias europeias na África, por conta dos acontecimentos históricos. Dividida geograficamente, a Nigéria tem como base de disputa religiosa a força política e dominante do Norte muçulmano contra um sul cristão e desenvolvido economicamente. Percebe-se, assim, que as disputas entre essas religiões são a tentativa de estabelecer o domínio político no país. A desigualdade social é grande, o que facilita a atuação de grupos com interesse na Nigéria, pois seu Estado se mostra omissivo a várias necessidades da população. As causas intrínsecas de tais rixas são várias e complexas, visto que as tensões étnicas e religiosas, entre outras, que as provocam, geralmente se sobrepõem e se intensificam entre si. Muitos nigerianos acreditam que o fracasso por parte do Governo, em combater a degradante pobreza da nação, está justamente no coração de muitos conflitos que parecem ser

étnicos e religiosos em sua natureza, uma vez que a competição pelos escassos recursos econômicos se tornam mais e mais desesperadora. Para Andrew Walker (2012), as táticas empregadas pela segurança do governo nigeriano têm sido brutais, contra produtivas, sustentam e atuam como combustível para a expansão do movimento.

O Boko Haram surgiu em um momento, de acordo com Andrew Walker (2012), que existem dois grandes fatores combinados e que têm influenciado a operação do grupo: o fato dos membros do grupo estarem recebendo treinamento em campos revolucionários e por terem surgido em um período de muitos problemas nacionais, que trazem descontentamentos e alimentam os propósitos do grupo.

As várias frentes políticas e militares da Nigéria ilustraram uma nação de grupos unitários realistas, exercendo poder coercitivo uns sobre os outros. Dotada de distintas qualificações, como tamanho, recursos naturais e localização propícia, a Nigéria se caracteriza como um estado núcleo, no entanto, sua desunião intercivilizacional, corrupção e problemas econômicos limitaram sua capacidade de desempenhar efetivamente seu papel.

Atribui-se à religião o cargo de um efetivo meio de mobilizar as pessoas, uma vez que os líderes conseguem manipulá-la a seu favor. Apesar de a identidade religiosa e crenças extremistas serem frequentemente citadas como fatores contribuintes dos conflitos na Nigéria, muito desses conflitos estão, de fato, mais enraizados em tensões políticas e econômicas. Percebe-se claramente que os conflitos entre religiões se deram no âmbito geral, fundamentados pelo interesse no poder político e econômico e não apenas a convicções religiosas. As diferenças de religião, quando dissociadas de disputas políticas e econômicas, geralmente não inspiram conflito, ela figura como um dos elementos constitutivos de identidades étnicas e não como fator autônomo. Por outro lado, a religião pode efetivamente contribuir para o conflito, quando uma comunidade sofre discriminação em função de sua fé. Essa discriminação surge na forma de restrições à prática religiosa ou na observação forçada de normas de outras religiões. As tentativas de imposição da Sharia a populações não-islâmicas têm figurado como causas de conflitos africanos. A religião pode também aparecer como causa de conflito entre praticantes da mesma fé.

A influência de grupos como o Boko Haram no norte da Nigéria está muito ligada ao desemprego dos jovens, à falta de oportunidades econômicas e à emergência do terrorismo. Um exemplo disso são as *almajiri*, crianças pobres que são mandadas para longe das famílias para estudar o Islã com um professor do Corão. Elas acabam vivendo numa situação de miséria, com uma educação formal mínima ou inexistente, são forçadas a mendigar para

sobreviver e são elas que são muitas vezes arrastadas para confrontos religiosos. Michael Sodipo (2013) reconhece que além dos motivos econômicos e ideológicos da radicalização, os jovens aderem a grupos extremistas porque estes lhes transmitem um sentimento de pertença, um sentimento que eles aprendem a possuir nestes grupos, por sentirem-se deslocados fora de qualquer outra realidade. De acordo com Freedom Onuoha (2012), em 2010, a Nigéria possuía cerca de 9,5 milhões de crianças *almajiris*, sendo 80% concentradas no norte do país.

Além das crianças *almajiri*, que formam a base de seus soldados, o grupo Boko Haram também tem como membros muitas pessoas bem educadas, ricas e influentes, como universitários, empresários e políticos, que são os principais financiadores. Recentemente, de acordo com Freedom Onuoha (2012), a seita adicionou roubos a bancos como fonte de financiamento de suas necessidades e projetos.

Primordialmente, entre 1875 e 1900, as potências coloniais europeias, na “Corrida pela África” não se preocuparam ao traçar os limites de seus novos domínios africanos. Ao contrário, o colonizador muitas vezes agiu no sentido de exacerbar antagonismos e diferenças, no intuito de dividir para imperar. Assim, quando de sua independência, grande parte dos países africanos eram entidades artificiais, tendo o Estado precedido a Nação. Os fatores étnicos passaram, assim, a permear regularmente os conflitos africanos. O autor Luiz Ivaldo Santos (2011) assinala que a “pluralidade étnica não é necessariamente conflituosa. O conflito resultaria antes da manipulação política do sentimento de que um grupo estaria sendo favorecido em detrimento de outro”. Para os políticos, essa era a via para o poder, principalmente dentro de territórios que englobam grupos independentes que não possuem história, cultura ou religião em comum, ou seja, as identidades étnicas são, em parte, resultado de um processo de construção, por serem um “resultado da agrupação de coletividades pré-estatais de limites difusos e cambiantes, sob chefias nomeadas pelo colonizador”. As diferenças também podem ser construídas. É possível, no entanto, e a longo prazo, que se consolidem identidades nacionais correspondentes aos atuais estados africanos. Tal processo, todavia, demandará ainda extenso período de tempo, persistindo as rivalidades étnicas como fator de conflito na África.

Albert Boahen (2010) comenta que cerca de 30% da extensão total das fronteiras africanas são formadas por linhas retas, e tato estas como as outras, cortam arbitrariamente as fronteiras étnicas e linguísticas do continente. A instauração do domínio colonial europeu na África não se resumiu à imposição forçada do poder político, econômico e social. Foi também

uma imposição cultural, e utilizou a cultura para dar apoio às superestruturas políticas, econômicas e sociais representadas pelo colonialismo.

A imposição do domínio colonial na África, a partir de 1885, conduziu à difusão da influência europeia em todo o continente. Toda a intervenção europeia, durante o período colonial, fundamentava-se de que para implantar o progresso, era preciso transformar ou mesmo destruir por completo a cultura africana, de acordo com Albert Boahen (2010). E como a cultura africana estava intimamente ligada à religião, a política colonial europeia podia chocar-se violentamente com princípios da religião tradicional, que constituíam as próprias bases da sociedade africana. O enfraquecimento da religião tradicional significou, igualmente, o enfraquecimento de grande número de instituições sociais e políticas tradicionais, que dela dependiam.

Os missionários cristãos queriam converter os africanos não somente ao cristianismo, mas também à cultura ocidental, que julgavam impregnada de cristianismo. As potências coloniais estavam decididas a destruir os vastos Estados muçulmanos e as organizações religiosas islâmicas, principalmente atizando as rivalidades entre eles.

A expansão de maior importância do islão na época pré-colonial deu-se no século XIX, quando militantes islâmicos declararam guerras santas, com o objetivo de restabelecer a fé islâmica na sua pureza original. Essas jihads redundaram na formação de Estados teocráticos, nos quais a religião e a lei do islão foram impostas ao povo, tendo havido muitas conversões. Uma dessas regiões foi justamente o norte da Nigéria. A dominação colonial ainda viria a dar ao islão a possibilidade de uma expansão sem precedentes.

Ao se dar crédito à hipótese do “Choque de Civilizações”, a África seria uma gigantesca bomba relógio. O choque de civilizações é uma teoria proposta pelo cientista político Samuel P. Huntington (1993) segundo a qual as identidades culturais e religiosas dos povos seriam a principal fonte de conflito no mundo pós-Guerra Fria. A teoria foi originalmente formulada em 1993 e Huntington acreditava que o mundo havia simplesmente retornado a um estado normal caracterizado pelos conflitos culturais. Em sua tese, argumentava que os conflitos no futuro teriam como eixo principal critérios culturais e religiosos. Huntington sustentou que a história da humanidade seria a história dos choques de civilizações que estaria ainda longe de terminar.

A exploração dos recursos naturais também pode ter um importante papel no prolongamento de conflitos. Apesar da devastação causada pelos combates, alguns grupos podem aproveitar-se do caos vigente para auferir lucros, controlando pela força das armas a

extração e exportação de produtos minerais e vegetais, de forma a causar sérios impactos ambientais. Beneficiando-se dessa economia de guerra, tais grupos não têm interesse na paz.

4 CONCLUSÃO

Diante de tantas reflexões acerca da instabilidade social na Nigéria e a inserção de questões religiosas neste ambiente de conflito, resta um questionamento sobre qual será o futuro do país e se seria possível chegar a uma convivência social entre as religiões. O Boko Haram permanece como o maior desafio para a segurança na Nigéria, de acordo com Freedom Onuoha (2012).

Uma observação mais profunda mostra que a sobrevivência da seita encontra-se em um tripé: o primeiro ponto é no recrutamento da grande quantidade de crianças *almajiris*; o segundo ponto é no suporte financeiro de políticos e ricos empresários; o terceiro ponto é na influência dos violentos ideólogos que exploram as suas conexões e ligações com grupos de terror já estabelecidos internacionalmente.

Andrew Walker (2012) afirma ser difícil ver uma diálogo significativo entre governo e o Boko Haram, pois a própria seita islâmica, em diversas ocasiões, assassinou membros próprios que tentaram algum tipo de negociação ou que discordaram entre si.

Francesco Viola (2013), professor de filosofia do Direito, insiste que “somente no mútuo conhecimento, poderão ser superadas as divisões e que os direitos humanos devem ser interpretados como direitos do gênero humano e não de grupos ou de indivíduos”. Maurice Borrmans (2013), docente de islamismo, também insiste sobre os direitos humanos como sendo a plataforma essencial de um diálogo aprofundado entre as religiões. A dificuldade, porém, é justamente como conciliar direitos humanos e liberdade religiosa.

Dom Doeme (2013), bispo de Maiduguri diz que “os nigerianos estão unidos na busca da solução do problema suscitado pelo Boko Haram. Mas não há consenso para enfrentá-lo. Uns falam de diálogo com membros da seita, mas são minoria. A maioria dos nigerianos não acha possível o diálogo com gente que mata inocentes indiscriminadamente. O governo nigeriano deve satisfazer as legítimas demandas de paz, mas não se pode falar de diálogo com bandidos e assassinos”.

A tentativa do equilíbrio de poder gera grandes conflitos, pois o sul não aceita que os muçulmanos governem. Semelhantemente, o norte não aceita que os cristãos assumam a liderança do país. A solução encontrada foi a de um acordo entre os dois grupos políticos, para que cada mandato tenha representante ora do Norte, ora do Sul.

Andrew Walker (2012) acredita que existem quatro possibilidades para o futuro do grupo: a primeira seria que o Boko Haram se destruiria como um resultado das divisões internas; a segunda hipótese seria que a seita seria destruída pelo Estado nigeriano; a terceira, que essa disputa permaneceria indefinidamente e a quarta possibilidade, que as partes mais extremistas do grupo fossem isoladas, em uma criativa manobra do governo, e as partes menos radicais fossem integradas à sociedade.

Michael Sodipo (2013) comenta sobre as formas de travar a radicalização dos jovens e as tensões étnico-religiosas. Existe um projeto da Rede Iniciativa de Paz chamado de Clube da Paz. O Clube destina-se a promover a tolerância, o diálogo e o entendimento através da educação para a paz e de equipes desportivas compostas de jovens de diferentes comunidades e contextos no norte da Nigéria, ou seja, muçulmanos e cristãos, indígenas e colonos. O Clube começou em 2006 com cinquenta membros. Hoje, agrupa mais de oito mil alunos de 60 escolas e universidades. O Clube foi criado com o objetivo de fomentar o contato entre jovens de contextos diferentes, de modo a atenuar as tensões culturais e contribuir para o reforço de uma sociedade pacífica na Nigéria. Crianças que outrora nunca teriam podido brincar juntas convivem hoje regularmente nas casas umas das outras, o que contribui de forma importante para atenuar as conhecidas tensões e reforçar a resistência da comunidade perante eventuais motivos de conflito.

Embora os Clubes da Paz tenham contribuído para reduzir a animosidade etno-religiosa, não são suficientes para atenuar a escalada do extremismo entre os jovens do norte da Nigéria. Estes programas visam contrariar as posições radicais dos que defendem a violência e procuram denunciar a visão deturpada dos princípios fundamentais do Islã que é defendida pelos extremistas, através da realização de campanhas sobre os princípios da Sharia e os verdadeiros valores da fé islâmica, como o princípio da tolerância. Na Arábia Saudita, que possui um forte programa, por exemplo, isto é feito através dos órgãos de comunicação social, por meio de campanhas nacionais de solidariedade contra o terrorismo, medidas de reforço do ensino público, a monitorização da pregação, convenções de diálogo nacional, a definição de regras para instituições de caridade e o reforço da cooperação internacional. O programa saudita estima que entre os indivíduos que estão presos por atos terroristas, apenas dez por cento são militantes convictos, mas que noventa por cento são passíveis de reabilitação. O programa coloca também grande ênfase no apoio social, destinado não só aos indivíduos que estão presos, mas as suas famílias, em risco de enfrentar graves dificuldades financeiras pelo fato do chefe de família encontrar-se detido. Este apoio social também ajuda

a evitar a radicalização dos familiares. O governo saudita criou instalações penitenciárias especiais, que não só separam os extremistas islâmicos dos prisioneiros comuns, como separam os extremistas uns dos outros, para impedir que as prisões se transformem em centros de criação de redes terroristas.

Conter o extremismo violento no norte da Nigéria exige intervenções em todas as etapas do processo de radicalização, desde o emprego ponderado da força até a tomada de medidas de prevenção, destinadas a dar resposta às carências socioeconômicas, a combater as ideologias extremistas e a reabilitar indivíduos radicalizados. Andrew Walker (2012) chega a comentar que os Estados Unidos e a Europa poderiam ter um papel determinante no treinamento do corpo militar e policial da Nigéria, a fim de se tornarem uma instituição mais eficiente. No entanto, Andrew Walker (2012) comenta que no momento o interesse do Boko Haram é unicamente interno na Nigéria, mas que o apoio dos Estados Unidos e da Europa ao governo secular nigeriano poderia significar colocar seus respectivos cidadãos em risco, inclusive a minoria residente na Nigéria.

De acordo com Luiz Ivaldo Santos (2011), o pan-africanismo tem sido apontado como solução do problema das identidades nacionais e dos conflitos causados pelas rivalidades étnicas. O pan-africanismo é uma ideologia que propõe a união de todos os povos de África como forma de potenciar a voz do continente no contexto internacional. Se propõe a unidade política de toda a África e o reagrupamento das diferentes etnias, que como já comentamos, foram divididas pelas imposições dos colonizadores. A proposta ainda valoriza a realização de cultos aos ancestrais e defende a ampliação do uso das línguas e dialetos africanos, proibidos ou limitados pelos europeus. O pan-africanismo é um movimento político, filosófico e social que promove a defesa dos direitos do povo africano e da unidade do continente africano no âmbito de um único Estado soberano, para todos os africanos.

Para Freedom Onuoha (2012), a fim de se ganhar a luta contra o Boko Haram, existe a necessidade que a Nigéria desenvolva e implemente uma estratégia clara, compreensiva e robusta contra o terrorismo, que se aderece aos sentimentos de marginalização existentes na população, sentimentos esses que são explorados pelos recrutadores do Boko Haram.

A África, atualmente, possui os mais altos índices de crescimento populacional e urbano do mundo. Entretanto, nas próximas décadas muitos países africanos irão conviver com um *youth bulge*⁵. Se esse manancial de recursos humanos puder ser plenamente

⁵ Poderia ser traduzido como “explosão juvenil”.

explorado, poderá dar uma importante contribuição à aceleração do desenvolvimento econômico do continente. Isso exige, todavia, grandes investimentos em educação, saúde e construção de infraestruturas. Caso não se cumpram essas condições, surge o espectro de centenas de milhões de jovens desempregados ou subempregados, sem perspectivas de melhora de vida, habitando periferias urbanas. A existência de tal vasto contingente de jovens, facilmente mobilizados para a guerra, o extremismo político ou religioso ou o crime, pode ter forte impacto adverso sobre a paz e a segurança no continente africano.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADESOJI, Abimbola. **Africa Spectrum**. GIGA German Institute of Global and Area Studies, Institute of African Affairs. Hamburg: HUP, 2010.
- ALCAN, François. **Premiers Príncipes**. Paris, 1874
- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 1999.
- BANCO MUNDIAL. **Dados País: Nigéria**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/nigeria>> Acesso em 10 junho de 2014.
- BOAHEN, Albert Adu. **História Geral da África**. Volume VII, África sob dominação colonial, 1880-1935. 2 ed. Brasília: Unesco, 2010.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Volume 1. 5 ed. São Paulo: UnB, 2004.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Volume 2. 5 ed. São Paulo: UnB, 2004.
- BURITY, Joanildo. **Religião, política e cultura**. São Paulo: Tempo Social, 2009.
- CABRAL, Newton. **Crise e Religiosidade**. Recife: CTCH, 1996.
- CATHERWOOD, Christopher. **Guerras em nombre de Dios**. Buenos Aires: El Ateneo, 2008.
- CHOTHIA, Farouk. **Who are Nigeria's Boko Haram Islamits?** Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-13809501>> Acesso em 15/05/2014
- CORM, George. **La cuestión religiosa em El siglo XXI**. Madrid: Taurus, 2007
- CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FITZGERALD, Timothy. **Religion and Politics in International Relations**. New York: Continuum, 2011.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.
- HAINCHELIN, Charles. **As origens da Religião**. São Paulo: Hemus, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAYNES, Jeffrey. **Religion and Politics**. New York: Routledge, 2009.
- LIMA, José Antônio. **Nigéria, um país dividido religiosa e etnicamente**. <<http://revistaepoca.globo.com/Mundo/noticia/2011/08/nigeria-um-pais-dividido-religiosa-e-etnicamente.html>> 2011.
- LOPES FILHO, Artur Rodrigo Itaquí. **A religião enquanto ferramenta de poder político: um ensaio iluminado pela filosofia de Friedrich Nietzsche**. Fortaleza: Polymathea, 2013.

- LUCIANI, Joseph. **A radicalização dos movimentos religiosos no Norte da Nigéria: um exemplo da polarização da sociedade nigeriana?** Dourados: Videre, 2011.
- MAZRUI, Ali. **História Geral da África**. Volume VIII, África desde 1935. 2 ed. Brasília: Unesco, 2010.
- MELLO, Silva. **Religião: Prós e Contras**. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- PEDROSO, Hélio. **Nigéria: a sharia tenta dividir o país**. Revista Mundo e Missão, 2000.
- PENNA, Antonio. **Em busca de Deus – Introdução à filosofia da religião**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- PORTAS ABERTAS. **Cristãos perseguidos, perfil Nigéria**. Disponível em < <https://www.portasabertas.org.br/cristaosperseguidos/perfil/nigeria/>> Acesso em 25 de março de 2014.
- ONUOHA, Freedom. **Boko Haram: Nigeria's Extremist Islamic Sect**. Al Jazeera Center for Studies, 2012.
- ORTIZ, Renato. **Anotações sobre religião e globalização**. São Paulo: ANPOCS, 2009.
- REVILLE, Albert. **Prologomènes de l'histoire des religions**. Fischbacher, 1881.
- ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo?** 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ROSA, Caio. **A influência dos conflitos religiosos no cenário político e nas relações internacionais: conflitos religiosos na Nigéria entre Islamismo e Cristianismo na atualidade e as repercussões em suas relações políticas**. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2010
- SANTOS, Luiz Ivaldo Villafañe Gomes. **A arquitetura de paz e segurança africana**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- SILVA, Drance Elias. **Religião, secularização e mudança social**. Recife: Unicap, 1999
- SODIPO, Michael Olufemi. **Travar o extremismo no norte da Nigéria**. Washington: Africa Center, 2013.
- SPENCER, Herbert. **Origine et développement de la religion**. 1881
- SPINOZA. **Tratado Teológico – Político**. México: Porrúa, 2007.
- STRIEDER, Inácio. **Religião e Filosofia: ópio, ideologia ou libertação?** Recife: UnB, 1983.
- WALKER, Andrew. **What Is Boko Haram?** Special Report 308. Washington: Usip, 2012
- ZENIT. **Nigéria: religião usada para violência**. Disponível em: < <http://www.zenit.org/pt/articles/nigeria-religiao-usada-para-a-violencia>> Acesso em 25 de março de 2014.